

SAVUFSC
Semana Acadêmica de
Medicina Veterinária - UFSC



CLÍNICA MÉDICA e CIRÚRGICA de PEQUENOS ANIMAIS



SAVUFSC
Semana Acadêmica de
Medicina Veterinária - UFSC



DESTAQUE DA SESSÃO

PRIMEIRA DETECÇÃO DO PARVOVÍRUS CANINO CPV-2c NO MUNICÍPIO DE CURITIBANOS - SC

Rafaela Dagostin^{1*}, Isabela Sangaletti¹, Léa Beatriz Vogel Oravec¹, Sandra Arenhart²
Jéssica Bolzan³

¹ Acadêmicos de Medicina Veterinária, ² Docente, Laboratório Diagnóstico Viroológico, Universidade Federal de Santa Catarina, ³ Médica Veterinária, Curitiba - SC, Brasil

* Acadêmico Rafaela Dagostin – rafaeladdagostin@gmail.com

A Parvovirose é uma doença infecciosa, de distribuição mundial, que afeta canídeos domésticos e silvestres, apresentando-se clinicamente como uma gastroenterite moderada a grave, de elevada incidência e letalidade. A doença é causada pelo Parvovírus canino tipo 2 (CPV-2), um vírus não envelopado, extremamente resistente ao ambiente. O CPV-2 pode ser subdividido genética e antigenicamente em três subtipos: CPV-2a, CPV-2b e CPV-2c, sendo o último, atualmente, o que possivelmente mais acomete a população de cães no Brasil, e que não está presente nas vacinas comerciais disponíveis. O presente estudo tem como objetivo isolar e identificar os parvovírus caninos circulantes no município de Curitiba, Santa Catarina. Para isso, este estudo foi realizado no período de janeiro a maio de 2018. Foram colhidas dez amostras de fezes de animais com sinais clínicos compatíveis com a parvovirose, em uma clínica veterinária do município. Todas as amostras foram submetidas ao Isolamento em Cultivo Celular (ICC) e à Reação em Cadeia da Polimerase (PCR) para detecção do gene da proteína do capsídeo VP2. As amostras amplificadas na PCR foram submetidas ao sequenciamento genético para identificação do subtipo viral. Das dez amostras analisadas, seis tiveram isolamento viral positivo para Parvovírus canino. Apenas cinco foram positivas na PCR e destas somente quatro puderam ser sequenciadas. Das quatro amostras sequenciadas, duas pertencem ao subtipo CPV-2b e duas ao subtipo CPV-2c. Diferentemente do esperado, em nosso estudo o ICC foi capaz de detectar uma amostra viral a mais do que a técnica de PCR. Isso pode ser explicado por possíveis inibidores inespecíficos da PCR presentes nas fezes, que possivelmente impediram a amplificação viral de uma amostra. Da mesma forma, uma das amostras positivas na PCR não pode ser sequenciada e identificada quanto ao subtipo. Dos vírus isolados e identificados, detectamos os subtipos CPV-2b e CPV-2c, pela primeira vez no município de Curitiba. Estes dois subtipos foram também os mais encontrados em estudos recentes realizados no Brasil. Destes subtipos, o mais preocupante é o CPV-2c, pois, sabe-se que por não estar presente nas vacinas, existe a possibilidade de proteção parcial, principalmente em situações epidemiológicas desfavoráveis ao hospedeiro, como em infecções mistas ou de alta pressão de infecção. Além disso, o isolamento destes vírus possibilitará a realização de estudos futuros de proteção vacinal e de desenvolvimento de medidas mais específicas de controle da Parvovirose canina.

Palavras chaves: caninos, parvovírus canino, isolamento viral, sequenciamento genético.

CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS ACANTOLÍTICO BUCAL EM CADELA SRD 6 ANOS - RELATO DE CASO

Fernanda Conte^{1*}, Maria Eduarda Ronzani Pereira¹, Adriano Tony Ramos², Marcy Lancia Pereira³,
Rogério Luizari Guedes³

¹Acadêmico de Medicina Veterinária, ²Docente, Laboratório Patologia Veterinária, ³Docentes, Laboratório de Clínica e Imagem de Pequenos Animais, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos - SC, Brasil

*Acadêmico: Fernanda Conte - contefernanda98@hotmail.com

O carcinoma de células escamosas (CCE) bucal está entre as neoplasias mais comuns desta região sendo altamente recidivante e infiltrativa, podendo formar metástases. Apresenta origem a partir do epitélio de revestimento, sendo que sua evolução clínica pode variar de fuminante até quiescente. As raças predispostas ao desenvolvimento deste neoplasma são Boxer, Poodle, Chow Chow, Golden Retriever e Cocker Spaniel acometendo principalmente animais idosos. Os sinais clínicos demonstrados pelo paciente acometido incluem aumento de volume oral, contorno facial modificado, hemorragia, sialorréia, halitose, perda de peso, descarga nasal e dispnéia. Dessa forma, este trabalho teve por objetivo principal descrever o relato de caso de um canino acometido por CCE oral elucidando a importância do atendimento clínico, diagnóstico precoce e possíveis tratamentos que poderiam ser utilizados. Um paciente canino, SRD, fêmea, não castrada, 6 anos, 3,760 kg, foi atendida na Clínica Veterinária Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), campus Curitibanos. Na anamnese foram detectados aumento de volume da região maxilar direita com 2 cm de diâmetro de consistência macia e irregular se estendendo na gengiva superior entre o primeiro pré-molar e terceiro incisivo até o palato duro. O proprietário relatou que o quadro teve evolução de 60 dias. Ainda no exame físico foi constatado aumento do volume dos linfonodos mandibulares e mucosa oral hiper-corada. Após isso, foi realizada biópsia incisiva da massa sendo coletados fragmentos gengivais e da maxila direita. Posteriormente as amostras teciduais coletadas foram encaminhadas ao Laboratório de Patologia Veterinária (LABOPAVE) da Universidade Federal de Santa Catarina para análise histopatológica. Através da análise microscópica foi constatada a presença de um carcinoma de células escamosas tipo acantolítico moderadamente diferenciado. Diante disso, em uma nova consulta com a paciente e o proprietário foram repassadas as recomendações para o possível tratamento do neoplasma, o qual seria baseado na ressecção cirúrgica da massa juntamente com parte da maxila, visando a remoção completa com margens cirúrgicas. Até o momento o proprietário está analisando a proposta sobre a intervenção cirúrgica, não sendo possível dar continuidade ao tratamento da paciente. Caso o procedimento cirúrgico fosse realizado poderiam ser empregadas a quimioterapia neoadjuvante com a finalidade de diminuir o neoplasma antes do procedimento cirúrgico associada à quimioterapia adjuvante com o intuito de exterminar possíveis células que tenham permanecido no local da cirurgia ou prováveis metástases. O quimioterápico de eleição para carcinoma de células escamosas é a doxorrubicina, porém em pacientes cardiopatas a carboblatina também pode ser utilizada. Estas terapias poderiam melhorar a qualidade de vida da paciente prolongando também sua sobrevivência. As alterações clínicas e histológicas descritas são compatíveis com quadro de carcinoma de células escamosas.

Palavras-chave: Carcinoma Espinocelular, Neoplasia Oral, Quimioterapia.



SAVUFSC
Semana Acadêmica de
Medicina Veterinária - UFSC



CASUÍSTICA DO ATENDIMENTO DE FELINOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA NO PERÍODO DE 2015 A 2017

Carla Di Concilio^{1*}, Cinthia Garcia¹, Isadora Scherer Borges¹, Marcy Lancia Pereira²

¹Acadêmico de Medicina Veterinária, ²Docente, Laboratório de Clínica e Imagem de Pequenos Animais, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos - SC, Brasil

*Acadêmica Carla Di Concilio - diconciliocarla@gmail.com

O curso de Medicina Veterinária iniciou o Serviço de Atendimento Clínico e Cirúrgico de Pequenos Animais em 2015, no Centro de Educação Profissionalizante Enori Pozzo (CEDUP), sob supervisão da Prof^a Dr^a Marcy Lancia Pereira. O objetivo do presente trabalho foi contabilizar e classificar a casuística de felinos atendidos a fim de conhecer os principais sistemas acometidos e a proporção de pacientes felinos em relação aos caninos. Foi realizado um estudo retrospectivo de todos os felinos atendidos no período entre 2015 e 2017. A classificação dos atendimentos baseou-se nos principais sistemas e subsistemas do organismo: cardiovascular, digestivo, endócrino, músculo esquelético, nervoso, oftalmológico, reprodutor, respiratório, tegumentar e urinário. Além destes, casos de neoplasias e causas infecciosas. Concomitantemente, foi realizada uma análise estatística quantitativa de consultas das duas espécies em questão, resultando na porcentagem de quantos atendimentos por espécie foram feitos nesse mesmo período. Totalizou 656 consultas dentre estas 488 cães e 168 felinos. Ao decorrer dos anos observou-se maior incidência de casos, fato este que está inteiramente ligado ao maior reconhecimento do trabalho realizado na universidade. Do total de felinos atendidos, foram 19 animais em 2015, 34 em 2016 e 66 em 2017, sendo o sistema digestivo o principal sistema acometido, totalizando vinte e oito consultas. Secundário ao digestivo, o sistema tegumentar totalizou vinte e três pacientes atendidos. Por fim, o musculoesquelético foi o terceiro sistema de maior incidência com dezenove casos. As doenças infecciosas atingiram sete animais, número este que não é fidedigno considerando o número de pacientes subdiagnosticados por falta de retorno e/ou recusa para realizar exames específicos. A compreensão das afecções que acometem a espécie é indispensável para instituir medidas de controle. Desta forma, os estudos retrospectivos são de grande mérito, pois permitem determinar a frequência com que as enfermidades ocorrem, sua epidemiologia e suas características clinicopatológicas.

Palavras-chave: espécie, atendimentos, especialidades, contagem, felinos.



SAVUFSC
Semana Acadêmica de
Medicina Veterinária - UFSC



CORREÇÃO DE HÉRNIA INGUINAL EM CADELA - RELATO DE CASO

Anna Flávia França Dacol^{1*}, Caroline Claudino dos Santos¹, Ana Paula Farias¹, Letícia de Oliveira¹, Rogério Luizari Guedes²

¹ Acadêmicos de Medicina Veterinária, ² Docente, Cirurgião, Laboratório de Clínica e Imagem de Pequenos Animais, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos – SC, Brasil

*Discente - annadacol@hotmail.com

Hérnias inguinais são protrusões de tecidos ou órgãos através do canal inguinal adjacente ao processo vaginal, podendo surgir como resultado de uma abertura congênita ou adquirida, por exemplo pós trauma. A forma congênita é considerada rara em cães, já a adquirida é muito frequente em cadelas não castradas a partir de meia idade. Encaminhou-se no dia 15 de março de 2019 à clínica escola da Universidade Federal de Santa Catarina, situada em Curitibanos, um canino, fêmea, da raça Pinscher, não castrada, de seis anos de idade, pesando 3,5 kg. Segundo o proprietário, durante a anamnese, o animal apresentava aumento de volume na região inguinal, tendo início há aproximadamente quatro anos e com evolução gradativa. No exame clínico constatou-se bom estado corporal (ECC 3, escala 1-5), mucosas normocoradas e sem alterações nos parâmetros vitais. Ao decorrer do exame, na palpação abdominal caudal verificou-se aumento de volume situado na região inguinal esquerda medindo 5,5 X 5,2 X 6 cm. Como exames complementares, solicitou-se hemograma, bioquímico, ECG, urinálise e realizou-se uma ultrassonografia da região para o diagnóstico de hérnia inguinal, onde movimentos peristálticos foram evidenciados, confirmando assim, a presença de alças intestinais no saco herniário. Após os resultados dos exames, recomendou-se a correção cirúrgica através da herniorrafia seguida de ovariohisterectomia. Para a realização da cirurgia, foi utilizado como medicação pré-anestésica associação de Acepram (0,05 mg/kg IM) e Morfina (0,5 mg/kg IM) e como protocolo para indução e manutenção utilizou-se Propofol, inicialmente na dose de 4 mg/kg IV e em seguida 0,4 mg/kg/min, além do bloqueio local utilizando a técnica de epidural (Lidocaína 0,26 mg/kg + Morfina 0,1 mg/kg). A técnica utilizada consiste na incisão retro-umbilical envolvendo pele e subcutâneo, localização do anel herniário com retirada do conteúdo do saco herniário (intestino e útero), seguido de herniorrafia com fechamento do anel inguinal utilizando três suturas de padrão Sultan e fio Nylon 0, e na sequência realizando a ovariohisterectomia. Como medicação transoperatória fez-se uso de Cefalotina (30 mg/kg IV) e pós-cirúrgica imediata aplicou-se Meloxicam 0,2 mg/kg e Dipirona 25 mg/kg IV e recomendou-se ao proprietário o uso de Dipirona gotas por três dias e Meloxicam durante dois dias. A paciente não teve complicações devido ao procedimento cirúrgico e agendou-se retorno após 15 dias.

Palavras-chave: hérnia inguinal, herniorrafia, clínica, cães.

DIAGNÓSTICO DE HEPATOZOONOSE CANINA: RELATO DE CASO

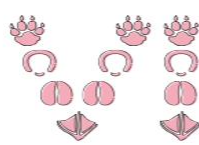
Nathalia Saynovich Dutra Silveira^{1*}, Brenda Picoli Gheno¹, Milena Fassina Furlan¹, Arthur Hoffmann¹,
Patricia Ushiyama Nagata¹, Angela Patricia Medeiros Veiga²

¹ Acadêmicos de Medicina Veterinária, ² Docente, Laboratório Clínico Veterinário, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos – SC, Brasil

*Acadêmica Nathalia Saynovich Dutra Silveira - nathaliasaynovich@gmail.com

A hepatozoonose é uma doença descrita em vários países, causada pelo protozoário *Hepatozoon sp.*, que acomete principalmente os carnívoros domésticos. A transmissão para os cães ocorre através da ingestão pelos cães de carrapatos contaminados com oocistos maduros do parasito. Na corrente sanguínea do cão o parasito completa o seu ciclo, liberando esporozoítos, os quais transformam-se em merogônia e, na sequência, em gametócitos, atingindo o endotélio vascular do baço, fígado e medula óssea. Nos órgãos hematopoiéticos, normalmente os gamontes de *Hepatozoon sp.* parasitam os eritrócitos, porém, é comum serem encontrados também em leucócitos. Foi encaminhado ao Laboratório de Análises Clínicas Veterinárias (LAClin) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) uma amostra de sangue armazenado em tubo contendo anticoagulante EDTA de um canino, macho, adulto, SRD, atendido no Laboratório de Clínica e Imagem de pequenos animais (LACIPA) da mesma instituição, para a realização de hemograma de monitoramento do tratamento quimioterápico para Tumor Venéreo Transmissível (TVT). No hemograma, observou-se a presença de anemia normocítica hipocrômica, neutrófilos tóxicos, leucocitose com neutrofilia madura associada a presença de neutrófilos hipersegmentados. Em esfregaço sanguíneo notou-se uma estrutura compatível com *Hepatozoon sp.* fagocitado por um neutrófilo. Conforme literatura, as manifestações clínicas de hepatozoonose ainda não são bem descritas, variando de inaparente a severa. Geralmente a doença está associada a outras doenças imunossupressoras e são descritos sinais clínicos como anorexia, emagrecimento, membranas mucosas pálidas, febre, poliúria, polidipsia, dor, vômitos, diarreia, fraqueza, depressão, incoordenação dos membros posteriores e linfadenopatia periférica. O cão do presente relato apresentava mucosas hipocoradas, desidratação leve, presença de pulgas e carrapato e, na palpação dos linfonodos, notou-se aumento no submandibular esquerdo, poplíteos e cervicais e secreção ocular bilateral. Além de TVT o animal apresentou ácaros da ordem sarcoptiforme em raspado profundo de pele. Os sinais clínicos associados a imunossupressão, presença do vetor e presença do parasito em esfregaço sanguíneo confirmam o diagnóstico de hepatozoonose.

Palavras-chave: esfregaço, hepatozoon, imunossupressão.



SAVUFSC
Semana Acadêmica de
Medicina Veterinária - UFSC



DIAGNÓSTICO DE MICROFILAREMIA ATRAVÉS DE ESFREGAÇO SANGUÍNEO DE UM CÃO: RELATO DE CASO

Milena Fassina Furlan^{1*}, Nathalia Saynovich Dutra Silveira¹, Brenda Picoli Gheno¹, Arthur Hoffmann²,
Patricia Ushiyama Nagata¹, Angela Patricia Medeiros Veiga²

¹ Acadêmicos de Medicina Veterinária, ² Docente, Laboratório Clínico Veterinário, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba - SC, Brasil

*Acadêmica Milena Fassina Furlan - mili_furlan@yahoo.com.br

O esfregaço sanguíneo é um teste realizado em hematologia para a contagem e identificação de anormalidades nas células sanguíneas, e também para a pesquisa de hemoparasitas. Dentre os hemoparasitas encontrados em esfregaço sanguíneo de cão podemos encontrar as microfilárias, que representam a fase larval do parasito nematódeo do gênero *Dirofilaria*, onde a espécie *Dirofilaria immitis* é a mais amplamente conhecida. Este parasito causa a dirofilariose canina, popularmente conhecida como a doença do verme do coração, sendo uma doença zoonótica de caráter crônico em cães, transmitida por mosquitos dos gêneros *Aedes*, *Culex* e *Anopheles*. Foi encaminhado ao Laboratório de Análises Clínicas Veterinárias (LAClin) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) uma amostra de sangue armazenado em tubo contendo anticoagulante EDTA, de um canino, fêmea, de 2 anos, atendido no Laboratório de Clínica e Imagem de pequenos animais (LACIPA) da mesma instituição, para a realização de hemograma pré operatório para encaminhamento a ovariohisterectomia terapêutica, devido a suspeita clínica de piometra aberta em virtude da secreção vulvar que o animal apresentava durante o atendimento clínico. Os parâmetros fisiológicos apresentavam-se normais e não foi relatada nenhuma outra alteração digna de nota. O hemograma acusou anemia normocítica hipocrômica, com hematócrito de 20,4%, presença de poiquilicitose (acantócitos), trombocitopenia, macroplaquetas, eosinopenia, linfócitos reativos, neutrófilos tóxicos e desvio à esquerda. Devido as alterações encontradas no hemograma realizou-se também a contagem de reticulócitos, onde obteve-se na contagem absoluta de reticulócitos 26.100 reticulócitos/ μ L. Ao realizar a avaliação morfológica das células sanguíneas e contagem diferencial de leucócitos, verificou-se a microfilaremia na lâmina de esfregaço sanguíneo. Outros estudos indicam como principais alterações laboratoriais em cães com dirofilariose a anemia normocítica, normocrômica, eosinofilia, linfocitose, basofilia e trombocitopenia discreta. No canino do presente relato a anemia foi classificada como arregenerativa, com trombocitopenia como nos demais estudos. Todavia as demais alterações encontradas diferem dos demais quadros clínicos de dirofilariose citados na literatura, estando mais associados a um processo inflamatório agudo concomitante com desvio a esquerda, que corrobora com a suspeita clínica de piometra aberta. Conclui-se que o esfregaço sanguíneo demonstra ser uma ferramenta eficaz e importante no diagnóstico de microfilaremia em cães, sendo útil no diagnóstico precoce da doença, visto que boa parte dos animais não apresenta sinais clínicos, sendo diagnosticados ocasionalmente durante a realização de exames laboratoriais de rotina.

Palavras-chave: dirofilariose, hemoparasitas, microfilária.

DOENÇA RENAL CRÔNICA: RELATO DE CASO

Giovanna Sperandio Silvestre^{1*}, Carla Di Concilio¹, Cinthia Garcia¹, Isadora Scherer Borges¹, Sabrina Allendes Bravo¹, Vanessa Sasso Padilha²

¹Acadêmico de Medicina Veterinária, ²Docente, Laboratório de Clínica e Imagem de Pequenos Animais, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos - SC, Brasil

*Acadêmico Giovanna Sperandio Silvestre - giovannasilvestre1606@gmail.com

Doenças renais podem acometer os glomérulos, túbulos renais, tecido intersticial e/ou vasos sanguíneos, e podem ter origem hereditária, infecciosa, imunomediada, tóxica, desequilíbrio eletrolítico (hipercalcemia e hipocalcemia nos felinos), ou origem traumática. Doença Renal Crônica designa a lesão renal por um período mínimo de três meses e caracteriza-se pela perda irreversível da parte funcional e/ou estrutural de um ou ambos os rins, e ainda há uma redução de até 50% na taxa de filtração glomerular (POLZIN, 2008). Os achados laboratoriais podem ser a azotemia (aumento do nível sérico de ureia e creatinina), hiperfosfatemia, acidose metabólica, hipoalbuminemia e anemia não regenerativa (POLZIN et al., 2005, McGROTTY, 2008). O diagnóstico consiste na anamnese, no exame físico, exames laboratoriais (SANDERSON, 2009), e ainda, nos exames de imagem podem-se encontrar lesões estruturais nos rins (POLZIN, et al., 2005). Um felino macho, 13 anos, SRD, castrado, chegou a clínica Biofilia com queixa de anorexia, apatia, sensibilidade na coluna, pelagem opaca e quebradiça. Ao realizar o raio x o animal foi diagnosticado com espondilose, que é o crescimento anormal de um osteófito entre duas vértebras da coluna cervical, torácica ou lombar. Os achados laboratoriais consistiram em hiperproteinemia e azotemia. O valor de creatinina foi de 4,89 mg/dL e ureia 375 mg/dL, que de acordo com a tabela IRIS classifica-o como paciente renal grau 3. O paciente permaneceu internado durante dois dias, onde foi mantido na fluidoterapia de Ringer Lactato na taxa de 5mL/kg/h e recebeu ração terapêutica. Após, recebeu alta, sendo indicado manter a ração terapêutica ininterruptamente e realizar 50mL/kg de fluidoterapia subcutânea com Ringer Lactato, uma vez à cada quinze dias. O paciente se manteve estável durante um ano e seis meses e obteve acompanhamento médico veterinário regular durante o período. Após um ano e seis meses do diagnóstico, o animal chegou para atendimento na Clínica Veterinária Escola da UFSC Curitibanos, com queixa de desidratação e constipação. Foi realizado um novo hemograma e bioquímico, onde as alterações encontradas foram anemia normocítica normocrômica, trombocitopenia, linfocitose, neutrofilia, e hiperfosfatemia. Foi indicado aumentar a frequência de fluidoterapia subcutânea, para uma vez a cada sete dias, com a mesma taxa já prescrita e administrar eritropoetina subcutânea na dose de 0,1mg/kg quinzenalmente. O paciente apresentou emagrecimento progressivo durante todo o tempo desde o diagnóstico. Dois anos e seis meses posterior ao diagnóstico inicial, iniciou com episódios de agressividade e midríase. Foram realizados novos exames laboratoriais, onde os valores de ureia e creatinina se apresentavam sete e cinco vezes respectivamente, acima do seu valor de referência. De acordo com os valores do exame bioquímico e com o sinal neurológico presente, o veterinário sugeriu eutanásia. Dessa forma, ressalta-se a importância dos exames de rotina para que, se necessário, medidas preventivas possam ser tomadas para garantir uma qualidade de vida satisfatória.

Palavras-chave: Azotemia, anemia, felinos, hiperfosfatemia, IRIS.

EPILEPSIA E HIDROCEFALIA OCASIONADAS POR HAMARTOMA EM PLEXO COROIDE EM CÃO: RELATO DE CASO

Matheus Cândano de Brito^{1*}, Victória Cristina dos Santos¹, Jean Carlo Olivo Menegatt¹, Adriano Tony Ramos², Malcon Andrei Martinez-Pereira²

¹Acadêmico Medicina Veterinária, ²Docente, Laboratório Patologia Veterinária, Docente, Laboratório de Clínica e Imagem de Pequenos Animais, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos - SC, Brasil

*Acadêmico – Matheus Cândano de Brito - ma.theuscbrito@hotmail.com

A epilepsia canina é um distúrbio neurológico multifatorial, ou seja, são perturbações na atividade elétrica do encéfalo que se apresenta em diferentes graus de intensidade e que pode se originar de diversos fatores, como infecções, tumores ou deficiência nutricional. Assim, as crises epileptiformes podem ter origem em outros órgãos e sistemas. Neste sentido, o objetivo é relatar um caso de crise epileptiforme em um canino. Em outubro de 2015 foi atendido na Clínica Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, um canino, fêmea, da raça Yorkshire terrier, de 6 anos, com histórico de epilepsia há duas semanas. A paciente encontrava-se tratada com fenobarbital (16mg/kg BID). Após atendimento, foram realizados exames hematológicos e indicada tomografia computadorizada da cabeça, que não foi realizada. Em consultas subsequentes foi realizada a avaliação neurológica que a cada nova consulta revelava asseveramento do quadro pela presença de diminuição de reflexo pupilar e propriocepção. Devido este quadro, foi associado ao tratamento inicial brometo de potássio e levetiracetan, que estabilizou temporariamente os sinais clínicos. No entanto, as crises esporádicas foram se tornando mais frequentes, até que em maio de 2018, após 9 horas de crises epiléticas animal foi eutanasiado e encaminhado para a necropsia. No laudo, o diagnóstico do patologista mostrou hamartoma de plexo coroide em terceiro ventrículo, encéfalo com hidrocefalia comunicante acentuada associada a congestão difusa acentuada, epêndima com ependimite multifocal leve, com diagnóstico de hamartoma em plexo coróide levando a hidrocefalia consequentemente. O hamartoma é um crescimento anormal de células, não é classificado como neoplasia, frequente em cães, porém não é comumente relatado no sistema nervoso central. Concluindo, observa-se a importância da realização de exames complementares, tais como ressonância e tomografia, o que poderiam proporcionar o estabelecimento de um diagnóstico precoce, permitindo outras possibilidades para tratamento, visando o bem estar do paciente. Palavras-chave: epilepsia, canino, tumor, neurológico.

Palavras-chave: cinomose, sequela, levodopa, carbidopa, neurologia.

INTOXICAÇÃO POR ORGANOFOSFORADO EM CÃO – RELATO DE CASO

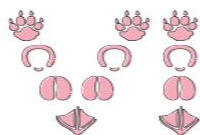
Luana Moretto^{1*}, Adriane Strack¹, Matheus Cândano de Brito ¹, Maria Eduarda Ronzani¹, Malcon Andrei Martinez Pereira², Vanessa Sasso Padilha², Marcy Lancia Pereira²

¹ Acadêmicos Medicina Veterinária; ² Docentes, Laboratório de Clínica e Imagem de Pequenos Animais, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos - SC, Brasil

*Acadêmica Luana Moretto - luanammoretto@gmail.com

Intoxicações exógenas em animais domésticos são frequentemente relatados, sejam eles intencionais ou acidentais. Ocorrem principalmente em ambiente doméstico envolvendo diversos agentes tóxicos. Uma das principais causas de intoxicação é a desinformação da população quanto ao uso adequado das substâncias no ambiente doméstico, muitas vezes utilizadas ou administradas sem orientação de um profissional qualificado. Foi atendido no Laboratório de Clínica e Imagens de Pequenos Animais (LACIPA) da UFSC Curitibanos um canino, Fox Terrier, 15 kg, macho, não castrado, de um ano e três meses. Na anamnese o tutor relatou que havia colocado Fentiona (organofosforado) na região cervical do animal há dois dias e desde então o mesmo manifestava salivação e tremores intensos. Já havia aplicado enrofloxacin e oxitetraciclina, porém sem resultados. No exame físico as mucosas encontravam-se hipercoradas, TPC <2, temperatura 39,6 °C, FC 100, FR 80, PA 180, ECC 2 (escala de 1 a 5), com desidratação leve e presença de ectoparasitas (pulgas). Durante o atendimento o animal estava com ausência de reflexo pupilar e anisocoria. Apresentava sialorreia intensa, êmese de coloração amarronzada além de crises epileptiformes focais. Foi aplicado midazolam IM (0,9 ml), atropina IV (6ml), dexametasona IV (4ml), ranitidina IV (2ml) e ondansetrona IV (3ml). Para controlar as crises epileptiformes foi necessário manter o paciente em sedação com uso de propofol (2-3ml a cada 10 minutos). Foram solicitados hemograma total e perfil bioquímico (UR, CR, FA, ALT), das quais a única alteração foi o aumento da ureia em 7,1 mg/dL. No esfregaço sanguíneo foram visualizados organismos da família *Anaplasmataceae* em plaquetas. No hemograma houve um leve aumento das PPT, caracterizando hiperproteinemia e leucocitose por neutrofilia, monocitose e linfopenia. Em consequência dos sinais neurológicos da intoxicação e seu estado crítico, o paciente foi submetido a eutanásia. Os compostos organofosforados são um grupo de várias substâncias derivadas do ácido fosfórico conhecidos como inibidores da acetilcolinesterase, anticolinesterásicos ou colinérgicos de ação indireta, as doses letais variam dependendo do composto e da espécie animal. Após a absorção os organofosforados são distribuídos pelo organismo e manifestam-se sob a combinação de efeitos de estimulação muscarínica, nicotínica central e/ou estão relacionados a paralisia de receptores resultando em hipotensão, bradicardia, broncoconstrição, incapacidade contrátil dos músculos respiratórios, cianose, depressão e morte por asfixia. O diagnóstico da intoxicação pode ser feito a partir da dosagem do teor de colinesterase no sangue de amostras de conteúdo estomacal, fragmento de rim, fígado, pele e pelos. No tratamento de eleição utiliza-se atropina que atua como antagonista. O uso indiscriminado de medicamentos são as principais causas de intoxicações em animais, portanto é fundamental que os profissionais sejam capacitados para o atendimento emergencial e para realização do tratamento adequado nesses pacientes, além de promover a conscientização dos tutores em relação à medicamentos e outras substâncias que podem provocar intoxicações.

Palavras-chave: intoxicação, organofosforado, cão.



SAVUFSC
Semana Acadêmica de
Medicina Veterinária - UFSC



LESÕES MÚLTIPLAS POR ARMA BRANCA EM CANINO – RELATO DE CASO

Isadora Scherer Borges^{1*}, Carise Magalhães Zanchi²

¹ Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibaanos – SC, ² Médica Veterinária, Clínica Amigo Bicho, Palmeira das Missões/RS;

*Acadêmica Isadora Scherer Borges – isa.borges1996@gmail.com

Designa-se arma branca um objeto que possa ser utilizado agressivamente, para defesa ou ataque, que não possua como função principal esta finalidade. Apesar deste tipo de lesão possuir maior incidência entre seres humanos, os animais também podem ser alvos. Foi atendido em janeiro de 2019 na Clínica Amigo Bicho no município de Palmeira das Missões, um canino, macho, SRD, sem idade definida, pesando 8 kg, com múltiplas lesões abrasivas e por avulsão. Na anamnese a condutora relatou que o tutor não o alimentava de forma adequada, e que ela acabou sub tutelando o animal aos seus cuidados. O proprietário então em um ato desmedido acabou esfaqueando e agredindo o cão de forma brutal, deixando para ela a responsabilidade de buscar o tratamento adequado para o animal. Ao exame físico, foi evidenciada uma recente lesão profunda por avulsão de aproximadamente 5 centímetros em topografia de crânio na região do músculo parietal, além de outras duas lesões por incisão superficiais. Além destas lesões, observou-se outras feridas abrasivas abaixo da orelha esquerda. O paciente estava alerta, sem alterações dignas de nota em outros parâmetros. Foi iniciado então o protocolo de tratamento de feridas, com a administração de tramadol (5 mg/kg SC) para alívio da dor, tricotomia ampla, aplicação de acepromazina (0,05 mg/kg IV) e indução com propofol (4 mg/kg IV) de protocolo anestésico para realizar os procedimentos necessários. Foi realizada prévia limpeza dos locais com solução fisiológica aquecida a 37 °C e desbridamento por pressão. Na ferida por avulsão, foi optado por cicatrização de primeira intenção por meio de sutura, com padrão Sultan na musculatura (poliglactina 910 2-0), Cushing em subcutâneo (poliglactina 910 2-0) e Wolff em pele (nylon 4-0). Nas demais lesões foi preconizada cicatrização por segunda intenção. Após o procedimento o animal ficou em observação por 24 horas sem demais intercorrências. Foi prescrito uso de colar elizabetano por 7 dias, limpeza diária do local com solução fisiológica e uso de cefalexina (30 mg/kg VO, TID por 5 dias).

Palavras-chaves: Canino, arma, feridas, sutura.

OSTEOSSARCOMA EM CÃO, RELATO DE CASO

Cinthia Garcia^{1*}, Carla Di Concilio¹, Ana Paula Farias¹, Vanessa Sasso Padilha²

¹ Acadêmicos de Medicina Veterinária, ² Docente, Laboratório de Clínica e Imagem de Pequenos Animais, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos – SC, Brasil

*Acadêmica Cinthia Gracia - cinthiagarcia388@gmail.com

Osteossarcoma (OSA) é o tumor ósseo primário mais observado em cães. Desenvolve-se especialmente em ossos longos e com maior frequência em raças de grande porte e animais de meia idade e idosos. Os sinais clínicos comumente apresentados são claudicação aguda ou crônica e inchaço no membro afetado com sinal de “Godet” positivo. O prognóstico é reservado, indicando-se a amputação do membro como tratamento paliativo. Entretanto, após a amputação, o tempo médio de sobrevida é breve, tendo em vista que depois da amputação, 70% a 90% dos cães desenvolvem metástase pulmonar, portanto indica-se o uso de quimioterapia adjuvante ao tratamento. Proprietário atendido no Hospital Veterinário Amizade, Jaraguá do Sul – SC, relatou que o animal apresentava claudicação e estava há 3 dias sem se alimentar. Tratava-se de um animal de rua que fora adotado há cerca de um mês, SRD, de aproximadamente 2 anos. Ao exame físico, observou-se que o animal se apresentava apático, desidratado, com mucosas hipocoradas e no membro pélvico esquerdo um considerável aumento de tamanho, com aspecto firme a palpação o que levou a suspeita clínica de flegmão pós-trauma, osteomielite ou neoplasia óssea. Sugeriu-se o internamento, realização de exame radiográfico e hemograma. O exame radiográfico revelou proliferação óssea na região do fêmur com aspecto de “explosão solar”. Os achados no hemograma indicaram anemia microcíticanormocrômica. Como tratamento imediato realizou-se fluidoterapia com Ringer Lactato, administrou-se Metadona (0,2mg/kg), Tramal (1mg/kg), Dipirona (0,6ml/10kg), Ceftriaxona (25mg/kg), Enrofloxacin (2,5 mg/kg), Dexametasona (1mg/animal), Ranitidina (1 mg/kg) aliado a transfusão sanguínea. Posteriormente, com o objetivo de realizar a drenagem do membro afetado efetuou-se uma pequena incisão, colocou-se gaze estéril e em seguida se fez a sutura local. A retirada da gaze ocorreu 24 horas após e subsequente optou-se por deixar a ferida aberta para prosseguir a drenagem. Após não ocorrer avanços clínicos, designou-se o tratamento cirúrgico, elegendo a amputação do membro. Durante o procedimento cirúrgico foi retirada uma massa acastanhada, macia, friável e irregular com focos de calcificação, medindo aproximadamente 10 cm, a qual foi coletada amostras para histopatológico. Em seguida foi efetuada a retirada total do membro e colocado um dreno. Como pós-operatório, manteve-se o tratamento inicial associado a Lauril Sulfato de Sódio tópico para cicatrização. O diagnóstico histopatológico foi Osteossarcoma Fibroblástico, o tratamento clínico-cirúrgico foi eficiente, apresentando boa recuperação e alta em dois dias, com indicação de quimioterapia a fim de prolongar a sobrevida do animal. Diante disso, denota-se a importância em realizar um diagnóstico precoce para aumentar as chances de um prognóstico favorável, assim como também anular quaisquer tipos de metástases.

Palavras-chave: Tumor Ósseo, Proliferação Óssea, Quimioterapia.

RELATO DE CASO: CÃO COM CHOQUE HIPOVOLÊMICO POR PARASITOSE *Toxocara sp*

Laura Gaspar Scaldaferrri^{1*}, Laura Garbin Cappellaro², Tainara Renata Tineli², Isabella Talita Sousa Dias², Adriano Tony Ramos³

¹ Discente de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras, Lavras - MG, Brasil; ²Discentes de Medicina Veterinária; ³Docente, Laboratório Patologia Veterinária, Universidade Federal de Santa Catarina Curitibanos - SC, Brasil

*Acadêmico Laura Gaspar Scaldaferrri - laura.scaldaferrri@estudante.ufla.br

Em cães recém-nascidos e filhotes a infecção por toxocarídeos podem resultar em pneumonia e morte aguda, devido a enterite e ao bloqueio gastrointestinal, que gera desidratação e anemia. No Laboratório de Clínica e Imagem de Pequenos Animais (LACIPA), foi atendido um canino, 40 dias, SRD, apresentando histórico de diarreia com vermes adultos, abdome estufado, alimentação forçada, pelos eriçados e estupor. Segundo tutora, o animal foi vermifugado no dia anterior, com os princípios ativos praziquantel, pamoato de pirantel, febantel e ivermectina, indicados para o combate e controle de parasitoses internas. O filhote pertencia a propriedade rural de Curitibanos, nascido em ninhada de 6 animais com a mãe em estado caquético, apresentando Síndrome do Filhote Debitado, o que se caracteriza pela dificuldade em se alimentar e menor crescimento comparado aos demais animais da ninhada. Veio a óbito durante atendimento, sendo diagnosticado com Choque Hipovolêmico devido a grande carga parasitária. Foi enviado ao Laboratório de Patologia Veterinária, da Universidade Federal de Santa Catarina (LABOPAVE), onde em necropsia foi constatado presença acentuada de *Toxocara sp* no intestino e com enterite linfocítica multifocal, pulmão com hemorragia associado a enfisema, edema e congestão, fígado com degeneração gordurosa e hidrópica associado à congestão, coração e cérebro congestos. O edema pulmonar ocorre devido ao quadro de choque, onde há acúmulo de líquido hemorrágico. Para tratamento, a terapia anti-helmíntica deve ser combinada com a terapia de suporte. O relato do caso teve como objetivo ressaltar que o tratamento de suporte é muito importante para recuperação do animal, nem sempre em casos extremos, apenas o uso de vermífugos funciona, o reconhecimento precoce e a rápida intervenção são os pontos-chave para o sucesso do tratamento.

Palavras-chave: endoparasitas, vermifugação, morte aguda, congestão, parasitose.

RELATO DE CASO: DISPLASIA COXOFEMURAL E SÍNDROME DA CAUDA EQUINA EM UM FILA BRASILEIRO DE 1 ANO E 4 MESES

Lorien Sander¹, Neryna Ruthes¹, Vânia Pacagnan¹, Daniel Vargas², Marcy Lancia Pereira²

¹Acadêmico de Medicina Veterinária, ²Docente, Laboratório Patologia Veterinária, ³Docentes, Laboratório de Clínica e Imagem de Pequenos Animais, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba - SC, Brasil

*Acadêmica Lorien Sander - loriensander@gmail.com

A síndrome da cauda equina (SCE) pode ser definida como um complexo de sinais neurológicos, provocados pela compressão das raízes nervosas presentes nas vértebras L7 a Co5. Tal enfermidade pode ser congênita ou adquirida, acometendo geralmente cães machos, de grande porte, com idade entre 2 e 13 anos. Este trabalho tem como objetivo relatar o caso de um cão da raça Fila Brasileiro, macho, pesando 50kg, com um ano e quatro meses de idade, atendido na Clínica Veterinária Escola da Universidade Federal de Santa Catarina. O paciente chegou para atendimento apresentando claudicação e levantava-se com dificuldade há 20 dias, possuía histórico de apatia e perda de peso progressiva. Proprietário administrou analgésico e anti-inflamatório não esteroide (AINE) 15 dias antes da consulta. O exame físico geral, evidenciou linfonodos poplíteos reativos, nível de consciência deprimido e membro pélvico esquerdo com elevação da temperatura. O paciente foi submetido a exame neurológico e ortopédico, onde na avaliação da marcha apresentou ataxia propioceptiva e paresia ambulatorial nos membros pélvicos, sinal radicular positivo após lordose induzida da coluna lombar, dor à palpação epaxial em região lombar e reflexo cutâneo do tronco reduzido nas vértebras caudais a L4. O reflexo bulbo-esponjoso estava diminuído e reflexo anal ausente. O teste de Ortolani foi positivo para o membro pélvico esquerdo. As radiografias da pelve e de coluna lombo-sacra, foram compatíveis ao diagnóstico de displasia coxofemoral bilateral, estenose lombossacral, anquilose em corpo vertebral e fratura no processo articular cranial da segunda vértebra lombar. O hemograma apontou uma anemia regenerativa normocítica hipocrômica com leucocitose por neutrofilia associada a monocitose e eosinopenia, com desvio a direita, caracterizando leucograma de estresse crônico devido a dor. A anemia regenerativa foi atribuída pela perda de sangue ocorrida cronicamente, pela alta carga parasitária ou por úlcera estomacal ou duodenal iatrogênica pelo uso prolongado de AINE sem associação de protetor de mucosa. O tratamento adotado foi clínico, com Cloridrato de Tramadol 4,0mg.kg (TID) por 5 dias, Cetoprofeno 1,0mg.kg (SID) durante 4 dias, Omeprazol 8mg.kg (SID) por 4 dias e Cefalexina 20mg.kg (BID) por 10 dias. Foi indicado repouso e terapia complementar com acupuntura. Os sinais clínicos observados na estenose lombossacral degenerativa são déficits propioceptivos dos membros pélvicos, paraparesia, atonia da cauda com diminuição ou ausência dos reflexos flexores, ciático, patelar e anal, incontinência urinária e fecal. A displasia coxofemoral é uma afecção ortopédica caracterizada pelo desenvolvimento anormal da articulação coxofemoral, comum em cães de grande porte. Este caso destaca-se por se tratar de um cão jovem com displasia coxofemoral, anquilose e estenose lombossacral. Ambas as alterações podem ser decorrentes de um possível trauma.

Palavras-chave: Estenose lombossacral, Cão jovem, Grande porte.

TRATAMENTO DE SEQUELA NEUROLÓGICA DE CINOMOSE: RELATO DE CASO

Mariana Almeida Oliveira^{1*}, Gabriel Henrique Dufloth Gutschow¹, Malcon Andrei Martinez Pereira²

¹ Acadêmicos de Medicina Veterinária, ² Docente, Neurologista, Laboratório de Clínica e Imagem de Pequenos Animais, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos – SC, Brasil

*Acadêmica Mariana Almeida Oliveira - mare Almeida2507@gmail.com

A cinomose é uma doença infectocontagiosa de alta prevalência em cães, causada pelo *Morbillivirus*, podendo atingir animais de todas as faixas etárias, sendo, os mais acometidos filhotes. É uma doença multissistêmica e que atinge os sistemas de modo concomitante ou isolado. Os sinais clínicos mais observados são apatia, secreção óculo-nasal, hiperqueratose ou sinais de comprometimento nervoso. A mioclonia é uma manifestação clássica dessa doença, resultando em distúrbios deambulatórios e posicionais. Assim, tem-se como objetivo relatar o atendimento de um canino, macho, sem raça definida, com dez meses de idade, 9 kg, que apresentava sequelas neurológicas decorrentes do acometimento de cinomose. O paciente foi atendido no Laboratório de Clínica e Imagem de Pequenos Animais, UFSC – Curitibanos, SC. Os sinais neurológicos iniciaram cerca de dois meses após a doença, consistindo em leves tremores nos membros pélvicos progredindo para a paralisia. Na primeira avaliação, o paciente se apresentava estável e com baixo escore corporal, no exame neurológico foi notado paralisia dos membros pélvicos associado à mioclonias, ausência de propriocepção, tônus muscular diminuído, sendo recomendado fisioterapia associado ao uso de levodopa 250mg + carbidopa 25mg, por via oral 1 comprimido a cada 24 horas, durante 30 dias. Decorridos os 30 dias, notou-se melhora no quadro, com ganho de peso e diminuição dos sinais neurológicos (paresia e propriocepção diminuída nos membros pélvicos e redução nas mioclonias), sendo recomendado a continuidade do tratamento. Entretanto, na terceira avaliação (60 dias após início), o paciente apresentou-se deambulando com pequena dificuldade em apoiar por muito tempo o membro pélvico esquerdo, ausência de mioclonias, propriocepção normal, o tônus muscular do membro pélvico esquerdo diminuído e direito normal. Recomendado então, que continuasse com o uso contínuo da medicação. A escolha pela medicação prescrita, se deu pelo seu mecanismo de ação na doença de Parkinson, onde os sinais clínicos assemelham-se a aos observados. Nesse caso, acreditasse que quando esses neurônios secretores de dopamina se degeneram na cinomose, ocorre um grave déficit motor. O carbidopa é um aminoácido aromático inibidor de descarboxilase tendo como função impedir a conversão periférica de levodopa em dopamina. A levodopa, um precursor metabólico da dopamina, alivia os sinais da doença através da descarboxilação para dopamina no cérebro. A dopamina é um neurotransmissor, os neurônios contendo-a desempenham um importante papel na regulação dos movimentos. Neste sentido, a prescrição deste fármaco demonstrou eficácia, revertendo os sinais apresentados, dentro de um limiar de aceitabilidade, permitindo melhora na qualidade de vida do paciente, por permitir a retomada da mobilidade. Ainda, apresenta-se como uma alternativa à eutanásia, muitas vezes indicada pelo clínico dada as características das sequelas neurológicas.

Palavras-chave: cinomose, sequela, levodopa, carbidopa, neurologia.